

Discurso da Ministra Tereza Campello, em Washington, 28 de janeiro de 2014, evento World Bank

É um prazer estar aqui com vocês hoje. Gostaria de agradecer ao Banco Mundial e ao Wilson Center por este encontro.

Falar sobre o Bolsa Família e seus resultados é uma oportunidade para debater as críticas, ouvir sugestões e avançar. Obrigada pela presença de todos.

A desigualdade no Brasil caiu significativamente nos últimos 10 anos. O BF foi um dos fatores responsáveis por isso, mas não o único. Para falar do Bolsa Família e de seus resultados, é preciso entender que ele é parte de uma estratégia de desenvolvimento que objetiva a inclusão social.

Nosso modelo de desenvolvimento combina crescimento com redução da desigualdade.

Vou me referir rapidamente a este modelo.

Este gráfico mostra a renda das famílias entre 2002 e 2012.

Nestes 10 anos de Governo do Presidente Lula e da Presidenta Dilma, a renda cresceu para todos. Mas a renda dos 20% mais pobres cresceu muito mais do que a renda dos 20% mais ricos.

Pela primeira vez na história fomos capazes de, ao mesmo tempo, reduzir a pobreza e a desigualdade.

Este processo não foi natural. Decorreu de várias decisões e da construção de políticas públicas. Destacarei três:

Primeiro, o Governo do Presidente Lula aumentou o salário mínimo. Um aumento de 72% acima da inflação. 72% reais em 10 anos.

Segundo, fizemos um esforço de ampliação dos empregos formais. Em 10 anos foram 21,5 milhões de novos empregos, criados e inseridos numa rede de proteção social.

E, por fim, o Bolsa Família.

O Bolsa Família foi concebido como um programa de transferência de renda condicionado. As famílias devem assegurar que suas crianças frequentem a escola e recebam atenção médica regular. O BF foi criado sobre os três grandes pilares do serviço público: as redes universais de assistência social, educação e saúde.

No início, o Bolsa Família foi alvo de debates e críticas no plano das ideias. Hoje, 10 anos depois, temos dados e estatísticas concretas. Temos estudos e evidências científicas que comprovam os efeitos positivos do Bolsa Família em áreas como empoderamento da mulher, desenvolvimento regional, inclusão financeira e bancária.

Este livro contém estes dados. Ainda está só em português, mas em breve esperamos ter uma versão em inglês. Infelizmente, não teremos tempo para aprofundar todos os resultados.

Destacarei apenas os resultados relacionados aos principais objetivos, presentes no desenho do Bolsa Família desde seu início em 2003:

- 1) **aliviar** a pobreza e a fome,
- 2) incluir as crianças na **educação** e reduzir o abandono escolar,
- 3) garantir acesso e cobertura de **saúde** aos beneficiários, principalmente crianças, gestantes e nutrizes .

Vale a pena destacar que as crianças sempre foram a prioridade do Bolsa Família. É justamente entre as crianças que verificamos as suas maiores conquistas.

De 2003 a 2010 fizemos um extraordinário esforço fiscal e de gestão para alcançar aqueles que na sua maioria não tinham registro civil, estavam excluídos dos serviços públicos. Eram invisíveis. Mais de nove milhões de famílias foram incluídas no Bolsa Família nos 8 anos do Governo Lula.

Este salto foi possível porque o programa tem um desenho simples. A tecnologia social do Bolsa pode ser resumida em três itens:

- 1) Cadastro das famílias com base simples, auto declarável, e organizado pelo poder local; isso evitou a necessidade de criar uma nova estrutura de serviços de burocracia.
- 2) Cartão magnético e sistema financeiro que permite passar o dinheiro diretamente ao beneficiário, sem intermediários, com controle

e transparência.

3) A prioridade para a mulher ser a titular do cartão. Ela decide em que gastar. Nossas pesquisas indicam que ela é a responsável pelo destino mais eficiente dos recursos: os filhos. 93% dos titulares do cartão são mulheres.

Em 2010, ao final do Governo Lula, o programa estava consolidado, com quase 13 milhões de famílias inscritas e operando em todo território nacional - lembro que o Brasil tem 5.570 municípios.

Um grande desafio foi superado: a grande maioria dos pobres foi registrada no CadÚnico.

Foi possível então dar um novo salto. Em 2011, criamos o Plano Brasil Sem Miséria, com objetivo de superar a extrema pobreza do ponto de vista da renda, garantindo também acesso a serviços e inclusão econômica.

Com o BSM, o Bolsa Família alcançou 14 milhões de famílias, o que corresponde a mais de 50 milhões de pessoas.

Vou voltar a este ponto mais adiante.

Agora, eu gostaria de enfatizar a importância da simplicidade do Programa. Outros países podem optar por modelos mais complexos e elaborados. Isso só é viável, em geral, em escala limitada ou em projetos-piloto. Este tipo de programa não atende às necessidades do Brasil. Como dizia nosso querido ativista, Betinho: Quem tem fome, tem pressa. No Brasil, eram milhões os extremamente pobres. Nós

precisávamos de um programa com escala, capaz de ser replicado num país tão diverso quanto o Brasil. O Bolsa Família tinha de funcionar bem tanto na floresta Amazônica quanto nas favelas das grandes cidades. E funcionou!

Primeiro, vou mostrar alguns resultados na **saúde**.*

O BF condiciona o pagamento do benefício ao acompanhamento médico e vacinação das crianças, e pré-natal para gestantes. Com isso, a saúde das crianças do Bolsa Família melhorou e muito.

As gestantes do Bolsa Família apresentam frequência em consulta pré-natal 50% maior do que as não beneficiárias, em condições similares. Comem melhor, e, como resultado:

Diminuiu em 14% o índice de crianças que nascem prematuras.

Os bebês nascem mais fortes.

São pesados e medidos semestralmente pela rede de saúde básica e têm que tomar vacina.

É possível aferir a importância do Bolsa Família e da condicionalidade da saúde na redução da mortalidade entre crianças de 0 a 5 anos. Em especial nas doenças relacionadas à pobreza:

- caiu em 46% a mortalidade por diarreia e

- em 58% as mortes por desnutrição, nos municípios com alta cobertura.

Com o Programa Bolsa Família, enfrentamos diretamente a desnutrição infantil, o que já se reflete na queda do déficit de altura por idade. Ou seja, enfrentamos os efeitos acumulados da pobreza sobre o desenvolvimento físico e intelectual. Com o Bolsa Família, já havíamos praticamente superado a desnutrição aguda e a fome, e agora mostramos que reduzimos a desnutrição crônica.

Talvez só daqui a 10, 20 anos será possível avaliar o que significam 12 anos de infância sem fome.

Passemos à **educação**.

A **educação** das nossas crianças e jovens também melhorou. Tínhamos duas situações críticas entre as crianças pobres: o abandono da escola e a defasagem idade-série. Podemos dizer que os resultados surpreenderam a todos: Atingimos o maior objetivo: colocar e manter nossas crianças na escola.

São quase 16 milhões de alunos com frequência escolar acompanhada mensalmente. Se a criança falta à aula, a família é notificada.

O gráfico mostra que o desempenho escolar das crianças pobres (beneficiárias do BF) no ensino fundamental alcançou o mesmo nível das demais crianças da rede pública.

O gráfico mostra também que as crianças pobres, por serem mais

resilientes, permanecem na escola e alcançam, no ensino médio, resultados melhores do que a média nacional.

É a primeira vez na história do Brasil que um indicador social de desempenho é melhor entre os pobres do que no resto da população.

O Bolsa Família contribuiu de forma decisiva para diminuir a desigualdade educacional do país.

Vejam este gráfico. São alunos com 15 anos cursando a série esperada. Nosso desafio é manter todos os jovens na escola. Na curva inferior estão os 20% mais pobres da população e na superior, os demais alunos.

A distância cai de 31 para 19,4 pontos percentuais. Uma queda * de 37% entre os grupos.

Como eu disse anteriormente, o Bolsa Família se tornou a base sobre a qual foi lançado o Plano Brasil Sem Miséria. BF é a plataforma para expansão da renda e novas ações – qualificação profissional, acesso a energia elétrica no meio rural, habitação popular e mais 20 outros programas. O Cadastro do Bolsa Família passou a ser um grande mapa para planejar a ação do Estado para os mais pobres.

Com o “Brasil Sem Miséria”, o Bolsa Família foi transformado. Deixe-me explicar:

Neste gráfico temos, em azul, uma representação da renda das famílias. É a renda do trabalho per capita. É importante frisar que o PBF é uma renda complementar. A grande maioria (75%) dos

beneficiários adultos trabalham. Mas mesmo trabalhando muito, não ganham o suficiente para viver com dignidade.

Agora em amarelo, vemos o BF no seu desenho original: parcelas fixas. Vejam que todas as famílias melhoram de renda, mas continuam em situações diferentes.

Quando a Presidenta Dilma Rousseff criou o Plano BSM, o valor do benefício passou a variar de acordo com a severidade da pobreza. Agora, quem tem menos recebe mais. Em verde, vemos o novo tipo benefício: variável. Com isto alcançamos o melhor resultado a um menor custo fiscal.

Em outras palavras, todo brasileiro que ganha menos de US\$1,25 por dia tem direito a receber o PBF como renda complementar. Este patamar mínimo tem como referência os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Neste patamar, não existe mais nenhum beneficiário do PBF extremamente pobre no Brasil.

O investimento público feito pelo Plano Brasil sem Miséria aumentou o Bolsa Família em 55% acima da inflação. Para os mais pobres, o benefício cresceu 102%.

Se considerarmos o conjunto do impacto do Bolsa Família, podemos dizer que ele é responsável por manter 36 milhões de brasileiros fora da extrema pobreza. Em outras palavras, se o Bolsa Família deixasse de existir, 36 milhões de brasileiros voltariam para a extrema pobreza.

Nesta próxima lâmina temos, em vermelho, a curva da extrema pobreza no Brasil se o Bolsa Família não existisse. No eixo horizontal temos a distribuição por idade. Percebam que a miséria se concentra

principalmente entre os mais jovens (1, 5 anos, 10 anos, 15 anos...).

O Brasil já havia consolidado uma importante rede de proteção aos idosos. Mas entre as crianças e nas famílias com crianças a extrema pobreza era severa.

O Bolsa Família, em seu desenho original, antes do Brasil Sem Miséria, foi capaz de promover uma redução de 36% na Extrema Pobreza (curva laranja). Percebamos o impacto sobre a faixa das crianças.

Agora observem o impacto agregado do Brasil sem Miséria com o benefício variável. A redução da extrema pobreza chega a **89%**.

Esta faixa em azul representa os que continuam na extrema pobreza. São as famílias que ainda estão fora do Bolsa Família. Queremos encontrá-los e incluí-los através de uma **Busca Ativa**.

Agora não é mais o pobre correndo atrás do Estado. É o Estado indo onde a pobreza está. Vejam alguns destes exemplos. Já foram incluídas mais de 900 mil famílias. Estimamos que ainda tenhamos que localizar algo entre 500 e 600 mil.

Além de ter reduzido a extrema pobreza em todas as idades, esta nova modalidade do BF permitiu enfrentar a maior desigualdade que tínhamos no Brasil: a concentração da extrema pobreza entre as crianças. Demos assim um passo decisivo para completar a rede de proteção no Brasil.

Acho importante deixar explicito que, na nossa concepção, o BF é

parte integrante de um conjunto de benefícios contributivos e não contributivos. Este quadro é um resumo da nossa rede de proteção social.

O Bolsa Família não foi criado para substituir aposentadorias, pensões, seguro desemprego, benefícios assistenciais para pessoas com deficiência e outros. Ele foi criado para dar cobertura a famílias pobres, na maioria famílias jovens, que não tinham amparo na rede de proteção. 42% dos beneficiários do BF têm menos de 15 anos.

Senhoras e senhores

O Bolsa Família custa R\$ 24 bilhões. São 0,46% do PIB.

Os efeitos virtuosos do BF sobre a economia já estão comprovados .

Cada US\$ 1 dólar transferido pelo Programa se transforma em US\$ 1,78 dólar na economia do País.

Em outras palavras, o Bolsa Família é bom para o comércio, para a indústria, para gerar emprego... é bom para o Brasil.

Por isto ao comemorar 10 anos do Programa, dizemos: **O Bolsa Família faz tanto pelo Brasil que todo brasileiro acaba sendo beneficiado por ele.**

Já fizemos muito, mas ainda temos muito a fazer. A Presidenta Dilma Rousseff nos lembra que todos os avanços conquistados são sempre só um começo. Para nós, “o fim da miséria é só um começo”.

A transferência de renda foi apenas o primeiro passo. Pela primeira vez, o Estado brasileiro reconheceu a necessidade de desenvolver uma estratégia específica para garantir os direitos dos mais pobres. O Bolsa Família nos deu uma ferramenta valiosa para conhecer melhor quem eles são, onde vivem e do que precisam. Nós temos agora um mapa completo da pobreza e uma nova estratégia para oferecer melhores serviços públicos e oportunidades de inclusão produtiva.

O BF não gera mudanças apenas de curto prazo. Gera mudanças estruturais, sustentáveis, porque não muda apenas a renda. Rompe com o ciclo intergeracional da pobreza, fortalece outras políticas públicas, viabilizando a verdadeira reforma de que o Estado necessita para garantir direitos, cidadania e prosperidade para todos.